

EDITORIAL

A pandemia causada pelo coronavírus mudou diversos hábitos da população. Antes acostumadas com rotinas de trabalho, faculdade, academia, parques, shoppings, *happy hour*, contato social, as pessoas se viram obrigadas a abdicar praticamente a tudo para, ficando em suas casas, ajudar na diminuição da curva de contágio do vírus. Enquanto isto, cientistas em todo o mundo estavam pesquisando medicamentos que pudessem ser utilizados na luta contra o vírus e a tão esperada vacina.

Com praticamente dois anos de pandemia, atualmente, final de 2021, temos grande parte da população mundial vacinada, medidas de proteção fazendo parte dos hábitos da população, assim como o uso de máscara e álcool em gel, que ainda estão sendo recomendados. Por fim, o número de casos vem diminuindo.

Neste período de pandemia, não só a tecnologia que envolve os medicamentos obteve destaque, mas o uso das práticas integrativas e complementares também vem sendo significativamente relevante, principalmente na saúde mental, emocional e física da população. Ao atuar no campo da prevenção de agravos e promoção, manutenção e recuperação da saúde, as PICS vêm sendo cada vez mais utilizadas e despertaram o interesse das comunidades científicas e de tecnologias em saúde.

Feita durante o primeiro ano da pandemia, uma pesquisa realizada em parceria com pesquisadores do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict) e do Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde (ObservaPICS), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e da Faculdade de Medicina de Petrópolis (FMP/Unifase), no Rio de Janeiro, demonstrou que 61,7% dos brasileiros utilizaram práticas integrativas e complementares em saúde (PICS) em sua rotina de autocuidados. Das 29 modalidades reconhecidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), meditação e fitoterapia foram as mais frequentes (28,2% dos usuários), seguidas pelo reiki (21,6%), aromaterapia (16,4%) e pela homeopatia (14,5%). Entre os usuários declarados, 25% praticam de quatro a mais PICS.

As PICS vêm ganhando destaque pela adesão social ampliada nos últimos anos, porém, ainda enfrentam barreiras para a sua implementação efetiva pela política nacional. Por isso, é necessário que, cada vez mais, os atores de pesquisas nessa

área se tornem públicos e se mobilizem pela garantia da Política Nacional de Práticas Integrativas dentro da Saúde Primária.

Nesta segunda edição da Revista Brasileira de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (RBPICS), diversas PICS são abordadas, entre elas as plantas medicinais, auriculoterapia, aromaterapia e homeopatia. O objetivo e contribuição desta segunda edição da RBPICS, que traz artigos originais e inéditos, é colaborar com as evidências científicas que os profissionais das PICS e entidades envolvidas tanto necessitam, fortalecendo assim suas práticas e destacando as PICS como práticas relevantes nos sistemas de saúde.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Prof. Dr. Vinícius Bednarczuk de Oliveira

Editor-Chefe da Revista Brasileira de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde

Prof.^a Me. Fernanda Maria Cercal Eduardo

Editadora-Adjunta da Revista Brasileira de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde